

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS-UEG
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE URUAÇU**

VANICE DA CONCEIÇÃO LIMA

**A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO EM COLINAS DO SUL
NOS ANOS DE 2010 E 2011.**

**URUAÇU/GO
NOVEMBRO/2012**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS-UEG
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE URUAÇU**

VANICE DA CONCEIÇÃO LIMA

**A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO EM COLINAS DO SUL
NOS ANOS DE 2010 E 2011.**

Monografia apresentada à Universidade Estadual de Goiás – Unidade Universitária de Uruaçu, como requisito avaliativo no Curso de Licenciatura Plena em História, sob orientação do professor Renato Fagundes.

**URUAÇU/GO
NOVEMBRO/2012**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS-UEG
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE URUAÇU**

VANICE DA CONCEIÇÃO LIMA

**A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO EM COLINAS DO SUL
NOS ANOS DE 2010 E 2011.**

Monografia apresentada à Universidade Estadual de Goiás – Unidade Universitária de Uruaçu, como requisito avaliativo no Curso de Licenciatura Plena em História, sob orientação do professor Renato Fagundes.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

_____ / /

Prof. Renato Fagundes

_____ / /

Prof. Genilder Gonçalves

_____ / /

Prof. Moisés Pereira

DEDICATÓRIA

As minhas duas grandes famílias: Conceição Lima, motivo do meu estudo e razão do meu viver. A Unidade Universitaria de Uruaçu, a todos os professores que estiveram comigo durante essa jornada. Em especial a população de Colinas do Sul-Goias.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por tudo o que já fez e faz por mim. A meu querido orientador Renato Fagundes, que com sua paciência e educação me ajudou a concluir esta monografia. A todos os professores que tive o privilégio de passar todos esses anos ao lado deles.

Em segundo lugar as minhas duas grandes famílias que amo muito: Conçeição Lima e Nunes Duarte. Sem vocês concerteza não teria conseguido nada na minha vida. Muito obrigada!!!.

Agradeço também a todos os meus amigos que esteve perto e longe me ajudando, em especial a Valéria Maria que me deu muitos conselhos.

Agradeço de coração a todos!

PREFÁCIO

*“Onde Deus nos plantar, aí devemos
florir”.*

(Autor desco

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	8
CAPÍTULO I: <u>FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA</u> 12	
II CAPITULO: FESTAS RELIGIOSAS DA REGIÃO NORTE E NORDESTE DE GOIAS NO CAMPO SAGRADO E PROFANO NA FORMAÇÃO DO DIVINO ESPIRITO SANTO.....	23
III CAPITULO: CAÇADA DA RAINHA E O MITO.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS:	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:.....	44

APRESENTAÇÃO

Cultura é uma dimensão do processo social, da vida de uma sociedade (SILVA, 2001). As festas populares em Goiás é um assunto que está intimamente ligado ao conceito de cultura e de religião, pois, a cultura diz respeito a todos os aspectos da vida social. Cultura é uma concepção histórica, é um produto coletivo da vida humana.

Este trabalho de pesquisa irá abordar o aspecto histórico e cultural da festa da Caçada da Rainha em Colinas do Sul – GO, nos anos de 2010 a 2011.

No período da folia que vai do dia 08 a 15 de Junho, tradicionalmente, dois grupos de foliões, contendo aproximadamente 30 pessoas em cada grupo, com hierarquia de funções e regras próprias, percorrem a cavalo os povoados e as fazendas do município, manifestando sua religiosidade, levando as sagradas bandeiras, símbolos das divindades e arrecadando doações em dinheiro e donativos, de forma geral. Essa informação pode ser confirmada no livro “Histórias de Goiás”:

O início de uma festa se dá com as folias rurais, grupos que percorrem, ao longo de 08 dias, fazendas, chácaras e sítios em busca de donativos para a festa na cidade. Há cantorias, pedidos de pouso, promessas, fartos jantares, muita cachaça, catira e forró (...) (DEUS & SILVA, 2002, p. 32).

Durante esse período, realizam-se cantos religiosos, como o Canto de Chegada, Bendito de Mesa, Despedida, como também brincam as catiras, curradeiras, minuanas, Carolina e modas de viola que são as marcas das folias de Goiás . Diante das circunstâncias, este projeto tem como objetivo perceber a importância da festa para a sociedade.

Neste trabalho, através da pesquisa bibliográfica de cunho descritivo exploratório, pretende-se analisar o que a Festa do Divino Espírito Santo, e nossa Senhora do Rosário traz para a sociedade, uma vez que a mesma faz parte das manifestações culturais e religiosas do povo brasileiro.

Neste sentido, este estudo foi realizado com o objetivo de compreender a importância da Festa do Divino Espírito Santo para a sociedade,

principalmente para a Cidade de Colinas do Sul – GO; assim como compreender o processo de desenvolvimento da Festa do Divino Espírito Santo e suas implicações para o resgate do patrimônio cultural da cidade.

Cultura popular identifica o cultivo dos elementos significativos e valores comuns ao povo de uma determinada região, destacando a dança, as vestes, a comida, a religião. Não envolve somente as coisas materiais do mundo em que criamos.

Esta pesquisa irá nos ajudar a manter viva a história da cultura popular em Colinas do Sul, referente à Festa do Divino Espírito Santo, destacando a importância do relacionamento entre as famílias para a realização da prática de sua fé, reunindo-os para a preparação da festa, pois envolve toda a comunidade local.

A Festa do Divino Espírito Santo foi incorporada aos hábitos culturais e religiosos da população brasileira desde o período da colonização e permanece até os dias atuais como a maior manifestação religiosa do país. Esse fato se explica pela devoção e religiosidade do povo, que preserva suas raízes e através da festa demonstra sua fé e confiança nos preceitos católicos.

A Festa do Divino Espírito Santo faz parte da cultura local da cidade de Colinas do Sul, município do Estado de GO. Trata-se de um evento histórico-cultural, que ao longo dos anos preserva a religiosidade da população local e demais regiões vizinhas.

Durante o evento, a pacata cidade reúne um grande número de visitantes e romeiros que contribuem para o resgate e preservação da cultura local. Diante desse contexto surge o questionamento: Por que existe esta festa?

Hipoteticamente, a festa do Divino Espírito Santo traz para a população de Colinas do Sul, oportunidades que possibilitam aos devotos de outras localidades manifestem sua religiosidade e paguem suas promessas, como também propicia o lazer e a interação entre a comunidade local e adjacências.

Os símbolos da folia do Divino são muito importantes para a compreensão desse ritual, como é o caso da bandeira do Divino, de cor vermelha com a pomba branca, bordada ou pintada ao centro. Primeiro, é feito um giro nas fazendas. Em seguida, os músicos da folia, em versos cantados,

pedem ao dono da casa, que já se encontram preparados, que deixem entrar e então começar a festa.

A festa do Divino Espírito Santo movimentava o comércio local, trazendo melhorias para a economia da cidade, uma vez que a maioria dos romeiros possui o hábito de comprar pequenos artigos religiosos, como forma de presentear outras pessoas e recordar do evento, fato que interfere na cultura local de forma positiva.

As fontes existentes que serão utilizadas nessa pesquisa são fotos que registram a importância da festa para a cidade; entrevistas com autoridades religiosas e organizadores da festa para compreender a relevância do evento para a comunidade local, tais como os primeiros participantes como os senhores Luiz da Silva Coelho, Paulo da Silva Coelho e José Nilo; músicas religiosas utilizadas durante a festa e nas novenas; cartazes que divulgam a realização do evento nas regiões vizinhas; camisetas e documentários que registram a realização da Festa do Divino no decorrer dos anos.

Com o intuito de refletir sobre a importância da Festa do Divino Espírito Santo para a sociedade, sobretudo para a cidade de Colinas do Sul, a realização deste trabalho foi iniciada com uma pesquisa bibliográfica, considerando as várias abordagens como livros, revistas e Internet, para fundamentar a construção do conhecimento sobre o tema.

A reflexão sobre o tema através da pesquisa bibliográfica permite uma visão ampla do assunto sob diferentes visões, para a construção do conhecimento sobre o mesmo.

Segundo Lakatos e Marconi, (1995, p.43), a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras.

Cervo e Bervian definem a pesquisa bibliográfica:

Explica um problema a partir de referenciais teóricos publicados em documentos. Pode ser realizada independentemente ou como parte da pesquisa descritiva ou experimental. Ambos os casos buscam conhecer e analisar as contribuições culturais e científicas do

passado existentes sobre um determinado assunto, tema ou problema. (CERVO, BERVIAN, 1983, p. 55)

Assim, a reflexão do assunto através da pesquisa bibliográfica é uma forma de contextualizar o mesmo assunto sob o enfoque de linhas de raciocínio diferentes, facilitando a compreensão do tema em estudo.

Nesse caso, escolheu-se utilizar aspectos descritivos, para elencar as características do tema, elencando todas as suas peculiaridades. Pois, Gil (1999) explica a par dos trabalhos com aspectos descritivos, descrevendo que sua função principal é descrever características de determinada população ou fenômeno. Pra descrever tanto a folia do Divino como a Folia de Nossa Senhora do Rosario que formam a festa da caçada da Rainha.

CAPÍTULO I

FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

A festa do Divino Espírito Santo, além de ser uma manifestação cultural, é um ritual do Catolicismo que, como outras festas populares, adquire características diferenciadas em cada região.

De acordo com Pacheco (et al, 2005), estudos e pesquisas registram ser o culto do Divino uma das mais antigas expressões do catolicismo popular brasileiro.

A Festa do Divino Espírito Santo é uma das várias manifestações da religiosidade católica popularizadas em diversas regiões ocidentais européias a partir da Idade Média. Essa festividade é celebrada cinquenta dias depois da Páscoa, em comemoração à descida do Espírito Santo sobre os apóstolos (SILVA, 2001, p. 21).

Realmente, a Festa do Divino Espírito Santo é uma tradição religiosa secular que acontece em terras brasileiras desde a colonização e vem se difundindo historicamente pelo mundo todo, muito embora, apresente ritos próprios de cada lugar, de cada cultura.

De acordo com Lima (1981, p. 21), “a Festa do Divino Espírito Santo teve sua origem em Portugal, com a construção da Igreja do Espírito Santo, em Alenquer, estabelecida pela rainha Dona Isabel, no século XIII”.

Inicialmente, a festa não passava de uma simples celebração religiosa, uma festa cristã – *Pentecostes*, que representa a manifestação do Espírito Santo aos Apóstolos.

De começo um simples *bodo*, ou seja, singela distribuição de esmolas, só se tornaria assembléia festiva e alvissareira no século XVII, sob o reinado de D. João IV, o primeiro rei português a ter tratamento de Vossa Majestade, segundo Cascudo. É na euforia da Restauração que o Divino toma ares de festa majestática, com corte organizada, seu principal personagem ganhando o título de Imperador, título que Carlos V popularizaria na península ibérica,

como Imperador do Sacro Império Romano e Rei da Espanha (LIMA, 2001, p. 8).

No tempo atual, trata-se de uma festa complexa e ritualizada que exige um processo minucioso de preparação, envolvendo um grande número de participantes e disponibilidade de tempo. Todo o festejo reverencia a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade, representado por uma pomba branca e línguas de fogo, com banquetes e distribuição de esmolas aos pobres, denominada prática do “*bodo*”.

A festa de Pentecostes, tal como é denominada liturgicamente, surgiu a partir de profecias milenaristas, divulgadas principalmente por um monge cisterciense de nome Joaquim de Fiore. Ele fundou um mosteiro em San Giovanni e foi acusado de heresia por defender a teoria dos três tempos da humanidade baseada na Santíssima Trindade: A Era do Pai (do Gênesis até Cristo), dominada pelos leigos; a Era do Filho (de Cristo até 1280), dominada pelos clérigos; e a Era do Espírito Santo (1280 em diante), a idade dos monges, em que haveria a compreensão espiritual das escrituras e que viria a superar a Era do Filho (Cristo) (SILVA, 2001, p. 22).

Segundo a autora, essas profecias foram contestadas pela alta hierarquia da Igreja Católica, mas serviram de inspiração e influenciaram os espirituais da ordem franciscana.

Apesar da maioria dos estudos sobre as festas do Divino Espírito Santo afirmar que essa prática teve origem em Portugal, alguns autores afirmam que existiam diversas irmandades do Espírito Santo na França, muito antes da prática dessa festa em Portugal.

De acordo com Deus e Silva (2002), as festas do Divino se multiplicaram no Brasil, no início do século XIX, especialmente no período em que a família real veio morar aqui. Alguns historiadores afirmam que o título de imperador foi dado a D. Pedro I, devido ao costume de se coroar um imperador nas festas do Divino.

Em Goiás, as festas do Divino também aconteceram e acontecem das mais diferentes maneiras: com folias, novenas, procissões,

danças, banquetes, cavalhadas, entre outras coisas. Em cada lugar elas têm uma forma, uma característica diferente, um estilo próprio (DEUS; SILVA, 2002, p. 24).

Silva (2001) esclarece que no caso de Goiás, as festas foram se difundindo à medida que a Igreja ia ocupando espaço nos arraiais que se formavam, a partir do século XVIII, devido à exploração do ouro.

Segundo muitos historiadores e pesquisadores, é possível perceber a influência marcante do catolicismo no estado de Goiás observando que todo arraial que ia sendo fundado, por mais pobre que fosse, havia sempre uma igreja, mesmo que fosse simples e humilde.

Assim, cada cidade possui um jeito próprio para realizar as festas do Divino, seguindo as tradições e as manifestações culturais de cada local. Porém, apesar das festas do Divino Espírito Santo terem se tornado parte da cultura brasileira, em todos os locais do território brasileiro, onde estas festas são realizadas, predominam os aspectos religiosos, pois tais festas são exemplos vivos da fé e da religiosidade de um povo.

Em Colinas do Sul, a tradicional festa do Divino, teve início em 1953.

A doação do terreno de Colinas do Sul decorreu de uma promessa que o Joaquim Tomaz Ferreira da Silva fez para os Santos Reis. Às margens do córrego Almécegas, o primeiro morador, Sr. Sabino da Silva Coelho, em 12 de maio de 1953, teve como primeira ação a construção de uma barraca de palha que seria utilizada como igreja para a realização das devoções religiosas, como batizados, casamentos e novenas (BRASIL, 2005, p. 29).

Desde então, a cidade de Colinas do Sul, começou a ser povoada. Os primeiros loteamentos foram doados àqueles que queriam fixar moradia no local e seus habitantes sempre se preocuparam em manter os costumes e as tradições religiosas.

Apesar das variações das festas do Divino, de cidade para cidade, uma característica comum é a presença dos símbolos que fazem alusão ao Espírito Santo, tais como bandeiras, cantigas, orações e outros.

Evidenciam-se de modo simbólico, totalizadas pelo Divino Espírito Santo. Este, por sua vez, é representado não exatamente como a terceira pessoa da Santíssima Trindade, mas como uma entidade individualizada e poderosa (GONÇALVES, 2003, p.25).

No decorrer das festividades, vários símbolos são apresentados e cada um possui uma simbologia própria, segundo os preceitos religiosos.

Do ponto de vista dos devotos, a coroa, a bandeira, as comidas, os objetos (todo esse conjunto de bens materiais que integram a festa são propriedade das irmandades) são, de certo modo, manifestações do próprio Espírito Santo. Do ponto de vista dos padres, são apenas “símbolos” (no sentido de que são matéria e não se confundem com o espírito). Na visão dos intelectuais, são apenas representações materiais de uma “identidade” e de uma “memória” étnicas (GONÇALVES, 2003, p.26).

Trata-se de um evento, cuja particularidade consiste na união de pessoas de classes sociais diferentes, mas que se unem pela fé. Não existe separação de grupos sociais, pois todos se reúnem nas igrejas, nos ginásios de esporte ou nas ruas, durante as procissões.

O louvor da chamada Festada Caça dada Rainha, data do período escravista iniciou no extinto arraial São Félix e no final do século XIX como declínio da mineração e a diminuição da população, a festa foi deslocada para o povoado de Lages, depois para o povoado de Colinas do Sul-GO por motivos sociopolíticos.

Segundo fontes orais, o deslocamento da festa do arraial São Félix para o povoado de Lages, aconteceu devido um conflito étnico entre brancos e negros, que resultou na expulsão de um padre que tentava acabar com essa prática. Ao ser expulso o padre joga uma praga em São Félix e para muitos, esse foi o motivo da extinção. O padre e seus seguidores foram para Lages levando a tradição da festa. Em 1952, por causa de outro conflito envolvendo um outro padre e o fazendeiro Joaquim Teles, Lages é gradativamente deixada deixando então o povoado de Colinas. A festa da Caçada da Rainha é

realizada pela primeira vez em Colinas do Sul em 1954, e a primeira rainha foi Herculana Coelho.

Com o passar do tempo a festa foi ficando mais popular e muitas pessoas perguntavam sobre as suas origens. Por isso na década de 90, as lideranças da cidade tiveram de levantar uma história que explicasse a origem da festa da Caçada da Rainha. Sob responsabilidade da Secretaria de Educação, José Nilo e Quênia Bernardes, chegaram a conclusão que a festa representava a festa dos escravos negros que foram libertados pela princesa Isabel e que se uniu com as folias.

D. Pedro II deixou sua filha no comando, pois tinha que viajar para Portugal e tomando coragem ela assinou a Lei Áurea libertando todos os escravos do Brasil. Quando D. Pedro estava próximo de chegar, a princesa com medo dos pais e escondeu no mato junto com a sua comitiva. D. Pedro ficou sabendo da notícia, e aprovou, pois era algo que ele já deveria ter feito há muito tempo, só não fez por temer a censura dos plantadores de cana-de-açúcar e café. Logo juntou a comitiva e foi procurá-la. Os escravos ao saberem da notícia prepararam uma festa para receber a princesa, surgindo o tradicional batuque da rainha.

O surgimento dos primeiros arraiais do norte de Goiás deu-se devido à exploração das minas auríferas a partir do século XVIII. Traíras, Flores, São Félix, Cavalcante e outros povoamentos foram os que mais desenvolveram. Os arraiais de São Félix e Cavalcante passaram a ser responsáveis pela primeira povoação veadeira onde se desenvolveu a chamada Casa de Fundação e a Comarca do Norte com sede em Cavalcante, pois era o ponto de apoio para os mineradores venderem seus produtos. A Casa de Fundação começou a funcionar em 1754. A Casa de Fundação de Vila Boa de Goiás arrecadava o quinto no Sul da capitania. A produção caiu e isso fez com que o governo colonial transferisse a Casa de Fundação para Cavalcante em 1796. Os efeitos foram grandes, pois, a arrecadação passou a cair mais rápido e o arraial de São Félix em completa decadência e se extinguiu após uma epidemia no final do século XIX.

Com a decadência de São Félix, a população saiu para vários lugares e com isso ajudou a construir o povoado Lages. O povoado passou a ser distrito

em Janeiro de 1949 com a Lei nº 3-A, mas durou pouco e envolvendo um outro padre e um fazendeiro da região. Poucas pessoas continuaram lá. Em Agosto de 1955, o prefeito de Cavalcante transferiu o distrito de Lages para Colinas do Sul por meio da Lei nº06.

O terreno de Colinas do Sul foi doado para Santos Reis por causa de uma promessa que Joaquim Tomaz Ferreira da Silva fez. O primeiro morador foi Sabino Coelho em 1953. A primeira barraca de palha foi utilizada como igreja para realização das devoções religiosas. As primeiras divisões de lote eram transmitidas gratuitamente para as pessoas que se interessavam em se fixar e manter os costumes religiosos trazidos de Lages. Uma das grandes motivações das pessoas se fixarem lá foi à construção do colégio. O governador de Goiás da época Antônio Santillo sancionou a Lei nº10/403 de 1987, que criou o município de Colinas do Sul em 1989. Com isso as pessoas puderam fazer a escolha direta de seus representantes no executivo e legislativo.

As folias do Divino Espírito Santo e Nossa Senhora do Rosário de Colinas do Sul-GO fazem parte da festa da Caçada da Rainha. Durante um período de 08 a 15 dias, dois grupos de foliões com mais ou menos 30 pessoas em cada grupo, com regras próprias andam a cavalo os povoados e fazendas do município, manifestando a religiosidade, as bandeiras sagradas os símbolos das divindades e arrecadando doações em dinheiro e donativos. É realizado cantos religiosos como o canto de Chegada, Bendito de Mesa, Despedida, como também brincam as catiras, Curraleiras, Minuanas, Carolina em rodas de viola.

São duas folias que percorrem a região que são denominadas folia do Giro de Cima e Folia do Giro de Baixo, para atender melhor os devotos interessados em oferecer um Pouso de Folia. Cada grupo de foliões é composto de dois encarregados, que podem ou não ser os alferes e no mínimo doze foliões que são os guias, contra guias, caixeiros, bagageiros, arqueiros, campeiros e os penitentes com a diversidade de penitencias. Os foliões representantes do sagrado são recebidos pelos devotos com gestos de dádiva e festas. São distribuídos alimentos e bebidas alcoólicas as pessoas. No final dos giros acontecem na cidade os ritos do Arremate com a entrega da Folia na

Igreja Católica, para que, no segundo domingo do mês de julho se realize a Caçada da Rainha.

No último dia dos festejos, o sorteio dos encarregados da folia que percorrem com antecedência os povoados para pedirem arcar pouso para o próximo ano. O termo pouso é usado pelo fato das pessoas dormirem na residência ou ao redor. Antes da chegada da folia o lugar é transformado num cenário favorável para a realização dos rituais.

A folia chega por volta das 16:00hs, quando se ouvem foguetes e as batidas da caixa. As pessoas se posicionam atrás do arco que é feito com duas bananeiras e são enfeitadas com dois arcos de tecidos, sendo um branco e outro vermelho e cada uma simbolizando a divindade e nesses arcos são pendurados alimentos como laranjas e bolachas. Neste momento os foliões montados a cavalos e aproximam em fila e os alferes ficam a frente com as Bandeiras e quando param, fazem movimento de um lado para o outro benzendo a população e as casas. Os foliões descem dos cavalos, se aproximam do cruzeiro e começa a cantoria.

Numa forma de evangelização, os cânticos relatam a história de Jesus desde o seu nascimento. Nesta hora, os devotos prestam respeito, e toda a atenção nas bandeiras. Os foliões cantam fazendo referência a cada objeto usado pelos festeiros.

Terminado a cantoria em frente ao cruzeiro, eles continuam e finalizam dentro da casa do morador em frente ao altar preparado para este momento. Ao término da cantoria, os donos da casa pegam as bandeiras com os alferes e guardam num lugar bem especial. E assim terminam os rituais religiosos e começam a sociabilidade.

Alguns instrumentos são feitos pelos próprios foliões como a caixa e o pandeiro. O único instrumento que os foliões não fabricam é a viola porque geralmente é comprado ou se ganha em concurso.

Os mesmos giros que acontecem nas fazendas acontecem também na cidade, assim, faz com que os devotos também manifestem sua religiosidade e paguem suas promessas. A Caçada da Rainha inicia pela manhã junto como Giro de Folia de Rua do Imperador do Divino Espírito Santo, no segundo domingo do mês de Julho. Os foliões caminham de casa em casa levando as

bandeiras e cantando ao som da viola, pandeiros e das caixas convidando as pessoas para assistirem ao reinado do imperador e também, pedem contribuição para os festeiros em nome das divindades. Logo após, finalizam com o arremate na casa do alferes onde os foliões almoçam para começar o Reinado do Imperador que acontece antes de iniciar a caçada da rainha. Na segunda-feira pela manhã antes do reinado do rei e da rainha, gira a Folia de Rua de Nossa Senhora do Rosário.

As bandeiras são confeccionadas pelas pessoas da comunidade e estão presentes em todos os rituais. A Bandeira do Divino Espírito Santo é vermelha que representa o sangue com o símbolo de uma pomba branca desenhada que significa a paz. A Nossa Senhora do Rosário é branca com a própria imagem desenhada. Em cada bandeira existem várias fitas e são amarradas notas de dinheiro pelos devotos que geralmente se ajoelham e beijam. A cruz é um dos símbolos sagrados do cristianismo. Além de estar presente nos pousos de folia é o primeiro elemento à frente na chegada da folia. O arco é o símbolo da aliança entre Deus e os homens. O altar é sempre enfeitado com flores naturais, com imagens e velas na sala do morador. Após a cantoria os foliões se ajoelham e se benzem fazendo em si o sinal da cruz. A fogueira simboliza a chama do Divino Espírito Santo e está presente nos pousos e no dia do arremate da folia. É de maior significância, pois, o Divino Baixou numa chama de fogo.

Antes de iniciar as refeições, o guia e o alferes fazem o relatório com todos os foliões reunidos para chamar a atenção dos problemas que possam ocorrer e as decisões tomadas.

Na hora da refeição, existem regras que devem ser cumpridas como, por exemplo, os melhores lugares ao centro da mesa, são para os alferes seguidos pelos demais foliões que são 12 guias e contra guias. Os outros aguardam, pois, os alferes são representantes do sagrado. A comida deve dar para todos e sobrar. O cardápio é bem típico: guariroba com carne de porco, arroz branco, feijão tropeiro, carne de panela e mandioca. É a comunidade quem auxilia nos gastos e no preparo dos alimentos. Os foliões cantam o Bendito de Mesa, para agradecer pelo alimento. Após um descanso, os foliões retornam a barraca dos festeiros para brincar catiras como modas, minuanas e curraleiras.

Na festa da Caçada da rainha, muitos devotos cumprem promessas durante os ritos. Existem várias formas de penitências, como assumir a função de encarregado de folia, girar a folia, serrei, rainha, entre outros.

A Caçada da rainha é realizada no segundo domingo de julho, após o reinado do Imperador. A partir das 15:00hs, o rei e a rainha, alferes, príncipe e a princesa são levados pelos caretas para se esconderem no cerrado. Outros caretas ficam na cidade organizando as vias para evitar que os cavalheiros cassem a rainha antes de ela estar no devido local. Assim que recebem o sinal, os cavalheiros se posicionam e vão a procura da rainha e do rei.

O rei, o príncipe e os alferes do Divino Espírito Santo ficam separados da rainha, princesa e do alferes da Nossa Senhora do Rosário. Quando um esconderijo é encontrado, soltam fogos para avisar aos outros cavalheiros, mas a honra maior é para quem encontra a rainha. Todos só voltam para a cidade depois que o rei e a rainha são encontrados. Os cavalheiros se organizam em duas fileiras. Do lado esquerdo o alferes do Divino Espírito Santo sendo puxado pelo rei seguido do príncipe e do lado direito o alferes da Nossa Senhora do Rosário sendo puxada pela rainha seguida da princesa. Seguem em fila um homem e uma mulher segurando um lenço que deve ser vermelho ou branco.

Ao chegarem são recepcionados pelas pessoas com foguetes e o toque do sino da igreja. Os cavalheiros fazem o rito da chegada que consiste em fazer o oito de contas, e uma fila seguem no sentido horário enquanto a outra no anti-horário na praça em frente a Igreja Sagrado Coração de Jesus. Enquanto isso os alferes balançam as bandeiras de um lado para o outro com os mastros. Quando termina o ritual todos descem dos cavalos e começam o batuque, a dança e a animação. O batuque é apreciado pelas pessoas em geral e por visitantes de vários lugares. Normalmente os versos são repetidos, onde o puxador canta o primeiro e a população responde.

Os caretas têm a função de divertir as pessoas na festa e auxiliar na organização. Eles provocam medo nas crianças e ameaçam os adolescentes com chicotes. Mas tudo dentro dos limites. As máscaras são feitas de forma artesanal.

A principal bebida tradicional da festa é o licor que é feito de frutos da região como a acerola, jenipapo, abacaxi e outros. O leite da onça também é outra bebida servida no batuque da rainha.

O Reinado do Imperador do Divino Espírito Santo acontece no segundo domingo do mês de julho. O imperador usa uma capa vermelha com o desenho de uma pomba, um coração feito de cartolina e uma coroa na cabeça. Os participantes caminham para a igreja como Imperador e a família vai dentro de um quadrado formado por quatro vigas enfeitadas com cores vermelha e branca acompanhadas pelos foliões com os instrumentos: sanfona, caixa, viola, triangulo e pandeiros.

Na igreja o Imperador já tem um lugar reservado que é o altar de frente para as pessoas. Após a reza e o canto, acontece o sorteio dos mordomos e funções relativas do Divino Espírito Santo para iniciar o ciclo dos festejos. Depois dos atos sagrados as pessoas e os foliões acompanham o Imperador e o futuro Imperador para a sua residência e apreciam uma farta mesa, com salgados, licores e outros para as pessoas presentes.

Na segunda-feira após o reinado, faz-se o sorteio dos três encarregados da folia de Nossa Senhora do Rosário e depois é feito o sorteio do rei e da rainha do ano seguinte. Quando uma pessoa precisa pagar promessa, faz o pedido para que seja colocado em papel pregado, ou seja, para participar do sorteio as pessoas da comunidade são convidadas ou fazem esse pedido aos organizadores.

II CAPITULO
FESTAS RELIGIOSAS DA REGIAO NORTE E NORDESTE DE GOIAS
NO CAMPO SAGRADO E PROFANO NA FORMAÇÃO DO DIVINO
ESPIRITO SANTO.

Para o interior de um país tão continental como o Brasil analisar ou falar de uma manifestação religiosa e algo pitoresco, pois um país de dimensões continentais, acaba de uma certa forma recebendo influência muito maiores de sua regionalização do que da religiosidade propriamente dita.

Em específico a manifestação que estamos debatendo neste trabalho monográfico é um exemplo claro disso a caçada da rainha foi recebendo ao longo dos anos influencia dos grupos dessedentes de escravo da região de Cavalcante, além da herança lusitana na forma do cortejo, a própria forma do reisado e de caráter afro como também veremos nas festas de congada em Minas Gerais e Goiás.

Numa maneira empírica temos que destacar que principalmente no interior dos estados como o estado de Goiás, a falta de sacerdotes religiosos fez com que a religião católica fosse influenciada pelas tradições locais certos que durante muito tempo e por que não dizer até hoje alguns seguimentos da igreja Católica não vêem com bons olhos estas manifestações religiosas, por acharem que elas têm muito mais características seculares do que religiosas.

De uma certa maneira isto tudo vem favorecer para o crescimento desta festa ,pois a vontade e o desejo da população em festejar e se agrupar em volta de uma tradição leva outros seguimentos da igreja a aceitar é a ajudar a desenvolver festas deste tipo pois desta maneira vão sempre ter sempre a possibilidade de estar perto da população, a caçada da rainha, a festa dos congos de Niquelandia-GO ou de Catalão, as folias, as rezas, todas estas atividades ajudam a fortalecer a fé e a religiosidade destas comunidades pode ate se discutir o valor de fé ou de sacro que tem cada uma desta manifestações tem mais nua podemos negar o valor e união cultural que cada manifestação agrega ao grupo presente, a questão de se é sagrado ou profano ou se tem fundamento histórico ou religioso estaremos discutido durante o capitulo usando principalmente o pensamento de Mircea Eliade tanto nos livros

o Sagrado e o Profano, e o da história das religiões. O pensamento de Eliade sobre o sagrado é que este é um elemento na formação da estrutura humana, vendo desta forma a contrapor as idéias Marxista e positivista pois para Eliade viver é um ato religioso, pois todos os atos do ser Humano são atos religiosos já no livro sagrado e profano ele faz a seguinte citação:

O homem toma conhecimento do sagrado por que este se manifesta, se mostra algo totalmente diferente do profano, a fim de indicarmos o ato da manifestação do sagrado.(ELIADE, 1992, p.13)

Podemos entender o pensamento de Eliade na seguinte forma o ser humano já está dotado da percepção do que sagrado ou do que profano desta forma podemos, ter a seguinte identificação do fato que por mais que seja simples a pessoa ela não necessita de um sacerdote, um padre, um pastor para fazer sua manifestação religiosa, pois se para os olhos de alguns, o participante de uma manifestação religiosa toma um gole de cachaça para cantar, pode soar profano para estes participantes vai estar inserido no sagrado; ou seja o sagrado e o profano está mais aos olhos de quem vê. A contribuição de Eliade cifra-se no estabelecimento de que a vivência do sagrado situa-se entre os primeiros passos que a espécie humana empreenderia no sentido de orientar-se no espaço circundante. E mais: que essa vivência irá permear a formação da personalidade, vindo a ocupar lugar especial na maneira pela qual iremos construindo referenciais, sem nos darmos conta da Hierofania que rege o sagrado do grupo e Eliade segue:

A fim de indicarmos o ato da manifestação do sagrado, propusemos o termo hierofania. Este termo é cômodo, pois não implica nenhuma precisão suplementar: exprime apenas o que está implicado no seu conteúdo etimológico, a saber, que algo de sagrado se nos revela. Poder-se-ia dizer que a história das religiões – desde as mais primitivas às mais elaboradas – é constituída por um número considerável de hierofanias, pelas manifestações das realidades sagradas. A partir da mais elementar hierofania – por exemplo, a manifestação do sagrado num objeto qualquer, uma pedra ou uma

árvore – e até a hierofania suprema, que é, para um cristão, a encarnação de Deus em Jesus Cristo, não existe solução de continuidade. Encontramo-nos diante do mesmo ato misterioso: a manifestação de algo “de ordem diferente” – de uma realidade que não pertence ao nosso mundo – em objetos que fazem parte integrante do nosso mundo “natural”, “profano”.(ELIADE. 1992, p. 13)

A questão da hierofania debatida por Eliade vem em encontro com todo o aspecto da religiosidade da festa da Caçada da rainha pelo seguinte fato aos olhos culturais esta é uma festa que tem como origem segundo a versão divulgada pela Secretaria de Turismo do Município de Colinas do Sul ao longo dos últimos anos, a origem da Caçada da Rainha "resultou do medo que a Princesa Isabel teve do pai, Pedro II, ao saber que ela havia assinado a Lei Áurea, libertando os escravos. Daí temendo a repreensão, assim que soube que o imperador estava vindo de Portugal para o Brasil, a princesa reuniu sua comitiva e, à cavalo, foi esconder-se na mata, até seu pai se acalmar. Assim que soube que a filha havia fugido, Pedro II preparou outra comitiva para procurar Isabel. A notícia correu a província e, ao saberem, os escravos resolveram preparar uma festa de agradecimento para recepcionar a princesa."

Uma festa de características culturais e não religiosas certo, não ela vai recebendo o caráter religioso ao passar dos anos agregando a devoção a nossa senhora do Rosário, ai sim ela vem a transforma se em festa religiosa .ao olhos da igreja mais como podemos ver nas citações de Eliade ela já tinha caráter religioso pois o sagrado e o profano estão nos olhos de quem vê.

Festas como a caçada e a dos congos de Niquelandia-GO, elas tem uma particularidade como ambas tem origem afro na sua essência, elas tiveram, que ganhar a confiança e simpatia do seu grupo depois a população, e só depois disso a igreja começa a olhar com bons olhos pois se a população começa a se envolver a igreja vê a necessidade de comandar o processo .

Não podemos esquecer que tão importante com vincular esta festa a questão da religiosidade de Eliade, tendo como base o sagrado e o profano, ou a historia das religiões, outra base importante que não podemos esquecer e como foi feito o registro e o resgate da historia, neste caso em especifico, hoje já se tem um material sobre a festa em si, mais a grande riqueza vem das

tradições orais, memoriais e empírica dos povos que estavam envolvidos com esta festa.

Hoje se faz mais do que necessário e urgente o registro historiográfico destes eventos tanto porque a região nordeste de Goiás é uma lavoura histórica que está passando da hora de ser colhida, no ano de 2002 o professor Paulo Bertran, escritor de livros como a história de Niquelandia-GO, e o homem do planalto central, em umas de suas últimas aparições em Niquelandia-GO para uma palestra dizia que os historiadores que iam se formar na Ueg de Uruaçu-GO deviam virar os olhos para a região Nordeste pois era uma região que devia ser explorada com determinação e responsabilidade histórica.

O maior exemplo da oralidade neste caso é o fato de que praticamente a festa passou por três lugares para ser o que ela é hoje e diga de passagem que na região ela já foi copiada na cidade de São João da Aliança e Alto Paraíso, e para trabalhar também com a história desta festa não podemos deixar de analisar o pensamento de Luis da Câmara Cascudo que define a festa;

Segundo a definição dada pelo historiador Luis Câmara Cascudo, a festa é um tipo de tradição folclórica de raízes luso-africanas, devido à mistura de manifestações católicas vindas de Portugal com a cultura dos escravos africanos. A Caçada é celebrada com motivo de folia ou festa popular católica, com representação cênica, acompanhada de música e dança. Outra característica destes festejos é a distribuição de alimentos, que é um costume herdado da Idade Média portuguesa e das tradições indígenas, que algumas festas religiosas ainda preservam. (CÂMARA CASCU DO, 1971, p. 9.)

Como podemos notar a Festa tem como ingredientes todos aqueles fundamentos necessários para a definição do sagrado e do profano, e para referência da questão sagrada, que vem se mostrar muito forte no contexto histórico, pois é demonstrado que através da religião popular a igreja foi adentrando ao sertão do Brasil, e assim o próprio poder estatal, pois, já se encontrava uma sociedade organizada, calma e de fácil controle não estamos falando do século XVI e sim do Século XX onde da mesma maneira pedaços do Brasil foram ocupados.

O mais salutar nisso é a memória coletiva que vem com um detalhe de preservação das tradições, muito forte onde as pessoas de um grupo ou de uma região trazem com suas mudanças não em carroças ou lombo de burros e sim nas cabeças e nos corações, tendo a memória com uma grande aliada como cita Câmara Cascudo:

A Memória é a Imaginação do Povo, mantida comunicável pela Tradição, movimentando as Culturas, convergidas para o Uso, através do Tempo. Essas Culturas constituem quase a Civilização nos grupos humanos. Mas existe um patrimônio de observações que se tornam Normas. Normas fixadas no Costume, interpretando a Mentalidade popular. (...) Não lhe sentimos a poderosa e onímoda influência como não percebemos a pressão atmosférica em função normal. Nem provocam atenção porque vivem no habitualismo quotidiano" (CÂMARA CASCUDO, 1971, p. 9.)

Ou seja, a memória histórica vem ainda sendo de fundamental importância para que se possa fazer um raio x de um estado como o estado de Goiás, onde se tem muito o que registrar, onde esta forma de pensamento histórico acaba criando um padrão de normas e costume que por vezes pode até se pensar que este é um processo historiográfico normal, pois o processo se mistura tanto que não distingue os fatos, a utilização de memoriais históricos vem de encontro com uma tendência histórica que tem a necessidade, de olhar a história a partir de fatos do cotidiano ou seja do micro para o macro, não a visão de vencidos e vencedores a famosa escola dos Annales, onde Eliade que esta presente neste capítulo bebe da fonte.

E o fato da cultura popular e suas tradições serem tão fortes que quem assustam alguns membros de consagradas instituições de ensino Superior, que torcem o nariz para tão fenômeno, pois, para eles se não derem para utilizar o pensamento Marxista, ou as idéias positivistas não é fato histórico mais em contra ponto a essas idéias Câmara Cascudo comenta;

A Memória é a Imaginação do Povo, mantida comunicável pela Tradição, movimentando as Culturas, convergidas para o Uso, através do Tempo." (...) " O Povo guarda e defende sua Ciência

Tradicional, secular patrimônio onde há elementos de todas as idades e paragens do Mundo". (CÂMARA CASCUDO, 1971, p.9-29.)

Ou seja, o povo não precisa de ter super teóricos para ter certeza do que eles estão fazendo história, pois a história está inserida na sua própria formação e são sabedores e defensores de sua tradição, desta forma são sabedores da importância que tem as suas tradições, pois são tradições passadas de pai para filho, e podemos acrescentar o conhecimento do sagrado como explica Eliade o sagrado se defere do profano e assim sabendo dessa diferença o indivíduo sabe bem fazer a diferença o que é relevante ou o que não é para seu mundo.

Não tem nada mais sagrado para um grupo de devotos do que o envolvimento e a preparação para a sua festa, todos os preparativos as escolhas dos festeiros, a preparação das novenas, se equipara a preparação de uma festa "profana" como o carnaval que a comunidade se envolve o ano todo para aquele evento, tudo é encarado com afinco, a questão do profano e referente aos olhos de quem vê.

No caso da caçada da rainha que é uma festa que envolve a zona rural e a urbana a preparação ainda é maior, pois, tudo envolve a festa a cidade vive e respira a festa a comunidade vive todo o evento será que tem condições de questionar este evento na questão da cultura popular.

A festa tem um caráter simbólico cada ação a cada atividade, a preparação desde a rota a ser percorrida a escolha dos reis tudo isto passa por uma simbologia, passa por uma formação de uma identidade maior que são a junção de todas as pedras da formação da colcha de retalho cultural, que esta festa representa.

Neste aspecto podemos destacar que a interação de cultura passam pela formação da identidade cultural e da formação do símbolo que é a própria Caçada em si representa a questão dão símbolo e muito mais importante e primaz neste caso, não é uma pedra nem uma estatua mais sim toda a festa em si, que se reporta ao signo da simbologia, que em seu tratado das religiões Eliade trabalha muito bem, não podemos em nenhum caso deixar de lembrar que trabalhamos com uma cultura de um povo de um lugar e as situações forma de devoção deste lugar vão se diferenciar de outros lugares até a mesma

festa sendo feita em outra data ela vai ter sua diferença já no livro o sagrado é o profano Eliade traz uma passagem que ajuda a entendemos este pensamento e a compreender a questão da importância da religião neste contexto;

Para se obter uma perspectiva religiosa mais ampla, é mais útil familiarizar-se com o folclore dos povos europeus; em suas crenças, costumes e comportamento perante a vida e a morte, ainda podemos reconhecer numerosas “situações religiosas” arcaicas. Estudando se as sociedades rurais européias, pode se compreender o mundo religioso dos agricultores neolíticos. Em muitos casos, os costumes e as crenças dos camponeses europeus representara um estado de cultura mais arcaico do que aquele testemunhado pela mitologia da Grécia clássica”. (ELIADE, 1992, p. 79)

Ou seja, para a formação de uma festa ou de um costume seja para a religião ou cultural o evento vai estar arraigado de manifestações religiosas do qualquer coisa, independente de onde venha a sua tradição. E bem vem a calhar o exemplo a festa se passar na cidade ela tem sua formação Rural, isto faz a diferença no homem religioso ou com diz Eliade o Homo Religiosus, e dentro deste pensamento, voltamos a questão da simbologia, pois, como se trata de uma festa de cultura imaterial, aos olhos de velhos professores acadêmicos e presos a historiografias marxistas e positivistas, eles podem não ver e afirmar que é uma festa sem cunho cultural ou religioso, que e um perigo pois já esta mais do que provado com elementos de caráter histórico ou de cunho popular e através do empirismo; por que não esta festa esta cheia de simbologia, desde o surgimento, a homenagem a princesa Isabel, a festa a Nossa Senhora do Rosário, a escolha, dos festeiros , tudo isto leva a criação de simbologias que formam sim o esteio, histórico, artístico cultural e religioso da caçada da Rainha .

E dentro destas discussões dogmáticas e de valores o importante e saber que a festa da caçada da rainha, tem todas as características de uma festa religiosa, com bases de Hierofania, com símbolos, com as diferenciações do sagrado e Profano e principalmente com sua cultura popular, sendo respeitada, no campo religioso no campo popular que um trecho do livro

Rosário de Aninha de Eusébio Fernandes de Carvalho:

Segundo o autor Euzébio, Clifford Geertz (1926-2006) ele define religião como sistema de símbolo, que atua para estabelecer poderosas motivações disposições nos homens. As atividades religiosas levam as duas espécies de disposições diferentes, que são; ânimo e motivação. Segundo Geertz, quando dizemos que um indivíduo é religioso, quer dizer que ele é motivado pela religião. O indivíduo quando induzido pelos símbolos sagrados, fica sensível a certas disposições como reverente ou devoto (CARVALHO, Euzébio, 2008, p. 14).

Com este pensamento, o que podemos aproveitar, e que a cultura popular ela esta cada vez mais forte, e com suas marcas o símbolo comentado, dentro da festa que na verdade tem como animo e motivação a sua cultura material na forma imaterial, não só na formação do individuo, mais na formação geral, mais do que devoção sim uma formação social.

Outro aspecto e a questão do mito que esta muito incrustado nesta história, nesta tradição, pois as devoções elas tem cara de mito, não somente cara como presença total do mito olhe a questão da devoção ao Divino Espírito Santo, umas das simbologias mais importante da igreja católica que tem como, principal divulgador no Brasil a herança cultural portuguesa,

Tendo como principal atrativo nesta manifestação de mito o fato do Divino Espírito Santo, ser dividido em Deus pai, Deus Filho e Espírito Santo, um dos principais segredos do catolicismo, e alem disso uma forma também da festa der mais aceita dentro da igreja e na sociedade, um exemplo de como isso e possível e viável e que na cidade vizinha de Niquelândia-GO, a Festa de Santa Ifigênia, tem um certo preconceito ate hoje na sociedade digamos mais abastada da cidade e parte da igreja já a festa do Divino Espírito Santo, e rara as vezes que um mais fraco de situação tem condições e eleito festeiro desta festa e uma festa de pompa e estatus, e diz a lenda quando isso acontece por incrível que pareça as festas são as mais bonitas, mais em quanto a de Santa Ifigênia fica de pires na mão s do Divino tem todo o apoio necessário para a sua realização

Alem da fé, e possível que a festa de Colinas do Sul-GO tenha escolhido homenagear tanto Nossa Senhora do Rosário, e o divino Espírito Santo par unificar as duas tradições fortes no Brasil a Folia na Festa do Divino e o Reisado Na festa de Nossa Senhora do Rosário, sendo assim uma forma de unificar uma festa com tradições Afro e outra com herança Lusitânia.

E para podermos telas mais vinculadas ao mito assunto que iremos trabalhar no próximo capítulo vamos introduzir um pequeno histórico das origens das festas que formam a caçada da rainha vamos começar com a do Divino em pesquisa feita no Site da biblioteca do estado de São Paulo bibliotecavirtual.sp.gov.br capitada por **Roque Silva Alves**; onde se destaca a seguinte informação:

A origem da Festa de Pentecostes, chamada popularmente de **Festa do Divino**, como se conhece hoje vem de Portugal no século XIV, com uma celebração estabelecida pela rainha Isabel (1271-1336), canonizada com o nome de Santa Isabel Rainha de Portugal, conhecida pela sua extrema caridade, quando mandou construir uma da igreja dedicada ao Espírito Santo, na cidade de Alencar. Para a inauguração dessa Igreja, toda a corte foi convidada e as ruas se enfeitaram para receber o cortejo real. A devoção se difundiu rapidamente e tornou-se uma das mais populares de Portugal. Essa festa chegou ao Brasil com os primeiros povoadores portugueses e por seus folguedos se espalhou com facilidade por todas as regiões brasileiras. Há documentos que confirmam a realização da **festa do Divino** em diversas localidades brasileiras desde os séculos XVII. É o caso de uma carta do capelão João de Morais Navarro a Rodrigues Cezar de Menezes, então governador da Capitania de São Paulo, datada de 19 de maio de 1723, que se iniciava com as seguintes palavras: "Indo ter à festa do Santíssimo Espírito Santo na Vila de Jundiaí" (em "Documentos Avulsos", publicação do Arquivo do Estado de São Paulo, 2008). (**Roque Silva Alves**).

Festa que se espalha em todo o Brasil, tendo em Goiás na cidade de Pirinópolis-GO. o seu maior destaque com as cavalhadas e na cidade de Trindade na grande Goiânia a Festa do Divino Pai eterno, o interessante e que a divisão dos cargos, na festa do divino tem uma divisão hierárquica que lembra uma, corte; Imperador, Alferes da bandeira ,capitão do mastro, e Juiz da alvorada ou da Matina, estas características, vão estar sempre em evidencia

ao se notarmos que a cultura religiosa católica foi introduzida e doutrinada pelos Jesuítas que eram membros de uma ordem Religiosa com fundamentos militares a companhia de Jesus, e a hierarquia era sem duvida o forte destes religiosos, que não somente com os índios, mais também com os colonos e desta forma não os afastavam os da fé, uma outra coisa interessante que tanto uma festa como a outra tem, a corte como a questão de fundo, só salientando que a Caçada da Rainha e uma homenagem a Princesa Isabel, em relação a libertação dos escravos e por isso talvez da escolha da homenagem a Nossa Senhora do Rosário, que a questão da utilização do reisado e muito forte, aonde entra a questão do Imperador na festa do Divino, que no seu começo La no século XVIII, era o Império do Divino, onde que fosse escolhido Imperador da festa tinha poderes sobre preso de Brasil e Portugal como sita o Folclorista Câmara Cascudo;

Originalmente, a **Festa do Divino** constituía-se pelo estabelecimento do Império do Divino, com palanques e coretos, onde se armava o assento do Imperador, uma criança ou adulto escolhido para presidir a festa, com poderes de rei. Tinha o direito, inclusive, de ordenar a libertação dos presos comuns, em certas localidades do Brasil e de Portugal. Para arrecadar os recursos de organização da festa, fazia-se antecipadamente a Folia do Divino: grupos de cantadores visitavam as casas dos fiéis para pedir donativos e todo tipo de auxílio. Levavam com eles a Bandeira do Divino, ilustrada pela Pomba que simboliza o Espírito Santo e recebida com grande devoção em toda a parte. Essas Folias percorriam grandes regiões, se estendendo por semanas ou meses inteiros. Para se ter uma idéia do prestígio da **Festa do Divino** nas mentes dos brasileiros do século 19, o título de "imperador do Brasil", dado a Dom Pedro I e ao seu sucessor Dom Pedro II, foi escolhido em 1822, pelo ministro José Bonifácio, porque o povo estava mais habituado com a figura do imperador (do Divino) do que com a pessoa do rei."(CASCUDO,CAMARA, 2000, p.199)

Mais do que nunca se prova a questão da importância da festa do Divino que teve influencia tanto na política, como histórica na vida Brasileira influenciando a Monarquia Brasileira, já a influencia da Festa de Nossa Senhora do Rosário não fica atrás a santa predileta pelos negros teve em suas

festas a marca da miscigenação deste povo, brasileiro, como a devoção de Nossa Senhora do Rosário. Núbia Pereira de Magalhães Gomes e Edimilson de Almeida Pereira em um artigo publicado no Site da Unicamp título Festa do Rosário cotam a seguinte historia;

A festa do Rosário de Nossa Senhora no Brasil está ligada a grupos negros que realizam os autos populares conhecidos pelos nomes de Congada, Congado ou Congos. Por essa vinculação aos negros, o Congado se tornou também uma festa de santos de cor, como São Benedito e Santa Efigênia. Embora alguns autores atribuam a gênese do Congado a uma influência européia, ligando-a às lutas religiosas da Idade Média, a hipótese mais forte é que defende a origem afro-brasileira do culto. É importante lembrar que o processo de catequese, através de missionários dominicanos, levava Nossa Senhora do Rosário à África, impondo seu culto aos negros. O acréscimo dos elementos de coroação de reis, lutas e bailados guerreiros é a contribuição africana, numa rememoração das práticas da Terra-Mãe. Mas o traço decisivo da criação do Congado ocorrerá no Brasil colonial, através do processo aculturativo: de um lado, o modelo religioso do branco, de outro, a recriação do negro. (GOMES, Núbia Pereira de Magalhães e ALMEIDA, Edimilson de, WWW.unicamp.br/folclore/folc6/festa_rosario.hpml).

Tendo como base ao fundo a questão da conversão os escravos africano acabam tendo em Nossa Senhora do Rosário, um alento ao seu sofrimento, tendo um conhecimento já mais intimo com a santa devida a influencia dominicana na África.

Para não perder a sua religiosidade e sua cultura os escravos já em terra brasileiras, começaram nas festas em homenagem a senhora do Rosário, para cultuar os seus heróis e suas heroínas como a famosa rainha Ginga, fato de que uns historiadores das festas dos congos a rainha da festa ser em homenagem a esta rainha, e o rei seria o próprio Chico Rei; rei do Congo que foi escravo no Brasil e montou a sua própria corte comprando a liberdade de todos, e a partir daí a festa se difunde pelo Brasil, com estes dados conseguimos, fechar alguns dados importância como a Hierofania, a questão

dos símbolos, e a forte cultura popular, e a detecção do Mito. Como definidos no primeiro capítulo.

III CAPITULO

A CAÇADA DA RAINHA E O MITO

Desmistificação do mito, formação da religiosidade das festas da região Norte e nordeste de Goiás, e a desmistificação do sagrado e profano. Todos os elementos que formam uma grande festa, como a festa da caçada da rainha, acabam trazendo ao pensamento analítico, o processo historiográfico onde podemos entender todo o processo de desenvolvimento da formação cultural social cultural e histórico que formam todas estas histórias.

Alguns fatos que formam estas histórias eles vão além de simples simbologias, não são apenas festas, não são apenas rezas vão muito mais do que isso, não é o fato de buscar uma rainha, de levar uma bandeira de rezar o Bendito, de se encontrar com o seu grupo para rezar ofício tudo vai além de fatos físicos vai muito mais do que coisas e fatos que podem ser grafadas, em livros e debatidas em estudos.

Quando se trabalha com fatos religiosos e que remetem a fé de um grupo e perigoso tentar explicar as questões da fé; o processo por onde passa esta forma de estudo é muito maior e ligada a questões emocionais do que racionais.

Quando se aplicou a definição de Hierofania, as questões simbólicas e a própria função do mito neste trabalho, tem o cuidado de cumprir a determinação historiográfica mais sem perder, o respeito as tradições estudadas, aos seus ritos e simbologias.

Ao voltarmos os olhos para os rincões esquecidos do estado de Goiás, como e a festa realizada na cidade de Colinas do Sul, um resgate histórico e feito onde as culturas se cruzam onde o rico e o pobre são um só onde o branco e o negro estão juntos em suas tradições em suas crenças e principalmente em uma única fé.

Os aspectos que levam ao estudo de uma festa desta, eles estão muito mais grudados no coração das pessoas do que em papéis, e dever do historiador e buscar respostas que levem a compreensão dos fatos a busca de respostas a certeza que vamos desvendar aspectos que elevam os primórdios

da festa em si cada pessoa tem um dever de divulgar e defender tradições que são passadas pelos tempos.

Isto ajuda a formar no Brasil sua identidade cultural, neste caso o mais importante e perceber o respeito a cultura popular que segundo Câmara Cascudo, e tudo aquilo que aprendemos na educação domestica, ou aquilo que nascemos sabendo ou todos os aspectos que já vem agregado em nossa criação, isto tudo remete ao seguinte pensamento se temos condições de buscar o entendimento, e tentar definir a questão do mito na formação da identidade nacional.

Utilizemos o exemplo da festa do Divino, citadas no primeiro e segundo capitulo onde podemos notar a sua importância religiosa e cultural mais também, a simbologia e o mito que ela representa, desde a sua criação em Portugal, a chegada no Brasil, a Influencia na Política monárquica, nacional, que passa pelo mistério da santíssima Trindade até Pentecostes, uma devoção cercada de fé no sobrenatural, na fé no mito.

Como vimos no primeiro capitulo ate a origem das mudanças dos lugares da festa esta ligada a questão do mito com a praga do padre no povoado de São Felix e o surgimento do povoado de Lages até a chegada em Colinas este fato por si só tem a marca do mito nesta festa.

Quando analisamos a questão do mito nas festas da região norte e nordeste do estado, temos a impressão que cada vez que mergulhamos no contexto das festas e muito forte a religiosidade ligada mais a cultura popular do que propriamente as ações da Igreja Católica podem controlar, pois, os mitos e simbologias populares são maiores, por isso há seguimentos da própria igreja Católica que não aceitam, e não vêem com bons olhos estas manifestações de religiosidade popular.

Para tentar vincular a questão do mito com a festa da caçada da rainha temos que nos reportar as discussões do sagrado e profano, pois aqueles que acham que dentro de uma festa grande como essa, e difícil, ter mais elementos religiosos do que profano, onde esta correte afirma que são mais elementos profanos do que religiosos e dentro da igreja estas pessoas afirmam que esta festa tem mais caráter secular (formam que a igreja define as festas populares) do que religiosas.

Nestes casos não se leva em conta, o indivíduo e sua fé, e sim o dogmático da religião, tentando assim sobrepor a vontade dogmática sobre a fé individual sobre este ponto Mircea Eliade no livro Sagrado e Profano no tema da o sagrado e o profano no mundo moderno ele faz a seguinte afirmação;

Como repetimos em várias ocasiões, o homem religioso assume um modo de existência específica no mundo, e, apesar do grande número de formas histórico religiosas, este modo específico é sempre reconhecível. Seja qual for o contexto histórico em que se encontra, o homo religiosus acredita sempre que existe uma realidade absoluta, o sagrado, que transcende este mundo, que aqui se manifesta, santificando o e tornando o real. Crê, além disso, que a vida tem uma origem sagrada e que a existência humana atualiza todas as suas potencialidades na medida em que é religiosa, ou seja, participa da realidade. Os deuses criaram o homem e o Mundo, os Heróis civilizadores acabaram a Criação, e a história de todas as obras divinas e semi-divinas está conservada nos mitos. (ELIADE, 1992, p. 97)

Dentro deste pensamento, e bem claro que para aquele, folião que gira numa folia da festa seja a do Divino ou a de Nossa senhora do Rosário, ele esta cumprindo a essência total do “Homo religiosus”. Onde o seu sagrado esta em suas ações desde a bandeira do alferes, ao o seu lenço no pescoço ate a pinga que ele bebe, para este individuo é um ato sagrado independente de que forma esta Festa e vista pela sociedade par ele o que vale é a sua fé.

Pois tudo o que envolve este período é sagrado e isso faz a diferença, e voltamos a falar novamente do mito, mais uma vez temos a resposta da vinculação do mito onde toda ação do físico transcende e temos a definição das ações de fé do coletivo onde a fé traz a realidade através dos símbolos da festa, tornando assim a fé algo real e palpável.

Como vimos nos capítulos anteriores a fé do sertanejo ela e diferente isto quando comparadas com as festas realizadas no meio urbano em si. Onde o clero tem mais poder ate de controlar estas festividades.

Como já foi citado nos capítulos anteriores vou usar a festa de Santa Efigênia que acontece em Niquelândia-GO, é uma festa, de origem pobre que teve os escravos, como sua origem esse tem uma lenda que esta festa teve

influência indígena, especificamente os Avás canoeiros, por isso do uso do penacho da indumentária dos congos por ter origem em um quilombo o de Xambá, onde negros das principais vilas de Goiás, acabavam vindo para ele.

A festa quando ele chega a cidade ela é vista com um certo desprezo pela população branca da então escravocrata vila de São José do Alto Tocantins ou do Arraial do Traíras, então cabeça do julgado da época, os brancos e ricos destas localidades, diziam que a festa era de escravos e pobres, mesmo sendo uma festa que tem seus registros no vaticano desde 1794.

E por que não dizer que até hoje esta festa sofre preconceito, pois, dentro da cidade, da igreja do poder público, em comentários maldosos sobre esta festa é uma festa de negros e pobres, onde a alguns anos atrás os devotos de Santa Ifigênia, tinham que pagar os padres para ter missas durante as festas de Santa Ifigênia e Nossa Senhora do Carmo, e de conhecimento que algumas pastorais, desmerecem esta festa.

E como a festa da rainha ela tem todos os ingredientes de uma festa religiosa, a Hierofania os símbolos e o mito, todos os elementos que fazem necessário para a estruturação de uma manifestação religiosa, e como ela é de uma origem humilde, como a caçada ela passa pelos mesmos problemas e preconceitos e descrédito, por serem festas religiosas de forte cunho popular.

Não só são de origem humilde estas, festas mais elas trazem uma belíssima particularidade, elas vêm romper com sistemas religiosos pré-determinados onde o sagrado só é aquilo que os olhos dos sacerdotes acham viável, e de fácil controle, podemos notar o surgimento de uma fé popular e por que não dizer uma religiosidade rural longe dos dilemas e dogmas centrais da religião e além de estarem geograficamente perto uma das outras fazendo surgir com mais força independente de qualquer traçado religioso com o surgimento do homo religiosus, sendo assim a junção de várias culturas idéias e de uma criação que vem dentro da formação e da criação do sagrado.

Dentro desta idéia de formação e de junção de culturas e de religião Eliade continua com suas idéias dentro da igreja como espaço físico. Que logo após a citação podemos comparar com o espaço além do físico;

Depois de tudo o que acabamos de dizer, é fácil compreender por que a igreja participa de um espaço totalmente diferente daquele das aglomerações humanas que a rodeiam. No interior do recinto sagrado, o mundo profano é transcendido. Nos níveis mais arcaicos de cultura, essa possibilidade de transcendência exprime-se pelas diferentes imagens de uma abertura: lá, no recinto sagrado, torna-se possível a comunicação com os deuses; conseqüentemente, deve existir uma “porta” para o alto, por onde os deuses podem descer à Terra e o homem pode subir simbolicamente ao Céu. Assim acontece em numerosas religiões: o templo constitui, por assim dizer, uma “abertura” para o alto e assegura a comunicação com o mundo dos deuses (ELIADE, 1992, p.19)

Já na questão da festa da caçada a festa transcende a questão do espaço físico fazendo assim a extensão da igreja, pois a festa envolve todo o município e não só a parte urbana ou a rural, dentro das ações da festa o mais importante que esta porta citada por Eliade está nas ações realizadas pelos foliões e não somente no espaço físico do templo. Eliade segue comentando: “Todo espaço sagrado implica uma hierofania, uma irrupção do sagrado que tem como resultado destacar um território do meio cósmico que o envolve e o torna qualitativamente diferente” (ELIADE, 1992, p. 13).

Desta forma podemos destacar que a expansão da hierofania sai do templo físico e transcende o religioso, tendo a possibilidade de poder ser diferente de agir de uma maneira mais sucinta mais livre dentro de uma fé única.

Outra manifestação religiosa da região norte de Goiás que ajuda a exemplificar como e as questões de Fé na região norte e nordeste de nosso estado e a romaria de Nossa Senhora da Abadia do Muquém, que como a festa da caçada da rainha, e da festa do congo de Santa Efigênia também começou em um quilombo mais em uma situação diferente, o capitão do mato que encontrou os escravos fugidos naquele local, prometera ao santo do dia erguer uma capela em sua homenagem como conseguiu o êxito, ergueu uma capela para São Tomé santo do dia e logo começou uma pequena vila naquele antigo quilombo depois mais tarde um português de nome Antonio, ao ver um

pedido seu se transformar em milagre e se livrar da cadeia manda vir de Portugal a imagem da Virgem que mudaria a história daquele lugar.

A partir deste fato cada dia foi se espalhando a história dos milagres de Nossa Senhora, chegando ao ápice de se ter uma irmandade que era tão forte que emprestava dinheiro vendia gado organizava a festa e claro com o aval da igreja.

Uma prova disso é que hoje a Romaria de Muquém, e a principal manifestação Religiosa do interior de Goiás tendo uma visitação durante a romaria no mês de agosto de quase 250 mil pessoas.

O que então é relevante comentar esta festa no nosso trabalho, só para demonstrar que dentro de uma mesma área geográfica de abrangência como as festas citadas ao lado da caçada ficam num raio de 100 quilômetros praticamente uma das outras, e são seqüência de eventos começo de Julho Caçada da Rainha final de Julho Congada de Santa Ifigênia em Niquelândia, em agosto a Romaria de Nossa Senhora da Abadia do Muquém. Tendo em vários casos os mesmos participantes.

Mais o que vale destacar é que a forma que a igreja trata as três festas se de um lado falta apoio para a Festa da Caçada e de Santa Ifigênia, olha o apoio que é dado ao Muquém, um fato que se destaca é que no passado as famílias tradicionais tomavam conta da irmandade do Muquém, era importante trazia poder e status diferentes das festas da caçada e dos congos mesmo as 3 (três) terem todas as características de manifestações religiosas, a Hierofania, a simbologia e a presença do mito.

E mais fácil você tentar entender, a presença do sagrado no Muquém apesar do Profano literalmente andar ao lado na romaria, do que na caçada, mais por que isso, simples pelo volume de milagres de mídia e de outras características como o próprio aparato eclesiástico que cerca a festa do Muquém, algo bem aquém podemos ver na Festa da caçada, e em outras festas mais pode se questionar, que a Romaria é uma festa grande uma romaria, mais questão não é essa e sim durante a formação destas festas como o sagrado e o profano foram trabalhados e como estas festas foram aceitas pela sociedade dominante e pela Igreja Católica.

O debate entre estas três festas os vem a colaborar par entender como é a formação do homo religiosus deste pedaço do estado de Goiás, não podemos de maneira nenhuma perder a característica principal da festa que e o caráter popular e este caráter e que faz a diferença, isto que traz a festa par perto do povo, e traz também um olhar meio desconfiado da sociedade mandante, mais como tudo que e popular esta em voga hoje a festa da rainha já começou a receber um tratamento melhor da classe política, pois, mais visibilidade, mais voto, mais estrutura mais turistas para a cidade.

Hoje esta cidade começa a colher os louros desta festa, aos olhos dos mais velhos eles começam a ter uma duvida se a festa esta perdendo sua tradição sua fé, suas características, perder suas simbologias, e toda a sua historia.

Todos os aspectos modernos que acabam influenciando estas festividades hoje acabam por mergulhar num novo momento de fé onde por mais que esteja á religiosidade o sagrado em si podendo ser uma visão profana mais com fundo sagrado.

A definição dos elementos que explicam a religiosidade elas acabam tomando uma forma diferente de analise onde o sagrado e o profano onde as simbologias mudam de figuras onde a presença do mito ela se torna diferente. Todos os elementos são de maneira formal uma síntese de analise moderna mais sem nenhum ponto de denominação do novo ser religioso, na formação do novo ser religioso.

Desta forma o que podemos ver e que o mito se torna de extrema importância para poder explicar o desenvolvimento e a formação de uma nova fase da religiosidade onde o ser começa se desenvolver, buscando uma nova visão onde o mito tenta a explicar e dar respostas a anseios e buscas. Onde podemos deixar e dar resultados concretos nas respostas para ajudar a criar ambiente historiográfico, onde possa ser mais respeitada e admirada esta grandiosa festa.

O pensamento de Eliade e muito suscito sobre a questão do mito, ele o define como a própria essência da criação humana, da vida social e cultural, dentre a formação do homem tradicional sendo a essência do homem moderno um certo modo ou maneira de estar no próprio mundo, isto explica bem a

formação destas festas e em especial a Festa da Caçada da Rainha, pois os indivíduos participantes transformam a sua vida na vida da festa vivem em função e dela tem a razão de ser ou estar na festa.

Um trecho do livro sagrado e profano ajuda a entender a ação do homem neste mundo;

O Tempo de origem de uma realidade, quer dizer, o Tempo fundado pela primeira aparição desta realidade, tem um valor e uma função exemplares; é por essa razão que o homem se esforça por reatualizá-lo periodicamente mediante rituais apropriados. Mas a “primeira manifestação” de uma realidade equivale à sua “criação” pelos Seres divinos ou semi-divinos: reencontrar o Tempo de origem implica, portanto, a repetição ritual In ato criador dos deuses. A reatualização periódica dos atos criadores efetuados pelos seres divinos *in illo tempore* constitui o calendário sagrado, o conjunto das festas. Uma festa desenrola-se sempre no Tempo original. É justamente a reintegração desse Tempo original e sagrado que diferencia o comportamento humano durante a festa daquele de antes ou depois. Em muitos casos, realizam-se durante a festa os mesmos atos dos intervalos não festivos, mas o homem religioso crê que vive então num outro tempo, que conseguiu reencontrar o *illud tempus* mítico. (ELIADE, 1992, p 45-46)

Como base nesta citação pode destacar que o homem religioso leva o seu tempo de uma forma diferente, onde a sua cronologia realiza-se de uma maneira própria, independente do ano e de seus meses para ele o que vale e o período que vai de uma festa a outra de um sentimento de um sorteio o que ele vai fazer para que no período da festa ele possa acompanhá-la, para ele o que vale e este tempo o seu tempo sagrado o seu tempo mítico.

Pois para ele o que vai realmente valer e o que ele vai agradecer a Deus, Nossa senhora, o Divino Espírito Santo, isto que vai ser o certo para ele neste mundo isso que vai fazer a diferença, para ele.

Pois este indivíduo na maioria das vezes cresceu e vive dentro desta realidade, desde pequeno fazendo assim a sua historia. Segundo Eliade este período equivale a sua própria historia e sempre a sua mitologia em destaque;

Assim, periodicamente, o homem religioso torna-se contemporâneo dos deuses, na medida em que reatualiza o Tempo primordial no qual se realizaram as obras divinas. Ao nível das civilizações primitivas, tudo o que o homem faz tem um modelo trans humano; portanto, mesmo fora do tempo festivo, seus gestos imitam os modelos exemplares fixados pelos deuses e pelos Antepassados míticos. Mas essa imitação corre o risco de tornar-se cada vez menos correta. O modelo corre o risco de ser desfigurado ou até esquecido. São as ritualizações periódicas dos gestos divinos, numa palavra, as festas religiosas que voltam a ensinar aos homens a sacralidade dos modelos. O concerto ritual das barcas ou a cultura ritual do yam já não se assemelham às operações similares efetuadas fora dos intervalos sagrados. Por um lado são mais exatas, mais próximas dos modelos divinos, e por outro lado são rituais. (ELIADE, 1992, p. 47-48)

Desta forma podemos notar que dentro da concepção do mito, dentro da formação do sagrado o homem religioso vive com firmeza a sua fé e sua tradição o seu dogma interno buscando assim se renovar a cada festa seja numa grande romaria, seja no terço em sua casa, na congada na folia ou na caçada da rainha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apresentada neste trabalho, tenta dar a verdadeira história, para a Festa da Caçada da Rainha no município de Colinas do sul na região nordeste de Goiás uma festa que migrou de povoado em povoado ate chegar no povoado de Almécegas hoje Colinas do Sul para fazer, a diferença na região da chapada dos veadeiros.

Tentamos mostra neste trabalho além do aspectoreligioso, e cultural da festa, o aspecto historiográfico deixando as respostas para as manifestações sagradas e profanas na mostra de seus símbolos e na desmistificação do seu mito.

La vem o rei e a Rainha

O Rei e seu e a Rainha

E minha.

Canto da festa da rainha.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rubem. **O que é Religião?** São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BRASIL, GOIÁS, COLINAS DO SUL. **Caçada da Rainha: a Festa da Fé**, 2005.
- CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia Científica: para uso dos estudantes universitários**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.
- CARVALHO, Euzebio. **O Rosario de Aninha**. 1º Ed. Goiânia.2008.
- DEUS, Maria do Socorro de. SILVA, Mônica Marins da. **História das Festas e Religiosidades em Goiás**. Goiânia: AGEPEL/UEG, 2002.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GOMES, Núbia Pereira de Magalhães e ALMEIDA, Edimilson de, **WWW.unicamp.br/folclore/folc6/festa_rosario.hpml**.
- LAKATOS, E.M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 3ed. São Paulo: Atlas, 1995.
- LIMA, Carlos de. **Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara (Maranhão)**, Departamento de Cultura do Estado, São Luís. VI CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA, 1981.
- Festa do Divino, Alcântara PACHECO, Gustavo et al. **“Caixeiras do Divino Espírito Santo de São Luís do Maranhão**, livro CD da Associação Cultural Caburé, Rio de Janeiro, 2001.
- SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- SILVA, Mônica Martins da. **A Festa do Divino: Romanização, Patrimônio e Tradição em Pirinópolis** (1890 – 1988).Goiânia, 2001.
- CÂMARA CASCUDO, Luis. **da:Tradição, ciência do povo. Pesquisas na cultura popular do Brasil**. São Paulo, Editora Perspectiva, 1971, p. 9.)